

## Da Universidade para a sala de aula, e desta para o terreno

Durante a Segunda Guerra Mundial, apesar de Portugal ter permanecido neutro ao longo de todo o conflito e de ter mantido um bom relacionamento diplomático com a Alemanha Nazi, os portugueses não ficaram incólumes às consequências da guerra e várias centenas foram deportados para os campos de concentração ou para as prisões do III Reich, internados em campos de prisioneiros de guerra ou forçados a trabalhar para os alemães, quer no interior do Reich, quer nos territórios ocupados. Desde 2015 que os investigadores do Projeto “Os Trabalhadores Forçados Portugueses no III Reich” identificaram cerca de um milhar de portugueses vítimas do regime Nacional-Socialista, que tinham permanecido esquecidos durante décadas. Desde então, o objetivo tem sido resgatar a sua memória e reconstituir as suas histórias de vida. O pioneirismo do projeto de investigação apresentou granjeou o interesse e o apoio da Fundação EVZ (Erinnerung, Verantwortung und Zukunft – Memória, Responsabilidade e Futuro), uma entidade criada para indemnizar as vítimas do trabalho forçado na Alemanha durante o conflito, e que agora se dedicada a financiar projetos de investigação. O financiamento foi ainda assegurado pelo *Goethe-Institut* e, mais tarde, pela Câmara Municipal de Loulé.

Tratando-se de um projeto de investigação transnacional, para além da consulta à mais recente bibliografia sobre a temática do trabalho forçado durante a guerra, foi necessário realizar investigação em arquivos nacionais e estrangeiros. Na Alemanha, os investigadores consultaram o Arquivo Federal e o Arquivo Político do Ministério dos Negócios Estrangeiros, ambos em Berlim, e o *International Tracing Service* (ITS), em Bad Arolsen. Destes, há que destacar o ITS, que foi criado pelas potências aliadas para ajudar a reunir as famílias separadas durante a guerra e a localizar pessoas desaparecidas, agregando mais de 30 milhões de documentos que permitem documentar parcialmente a perseguição conduzida pelo regime nacional-socialista e o destino das suas vítimas.

Os outros arquivos essenciais para a investigação localizam-se em França, uma vez que os portugueses enviados para o trabalho forçado ou para o sistema concentracionário nazi foram deportados a partir deste país, que se tornara, nos anos 20, no principal destino da emigração portuguesa na Europa. Os portugueses que viviam em França não escaparam às consequências da beligerância daquele país. Mais ou menos politizados, muitos participaram ativamente no conflito, alistando-se na Legião Estrangeira, ou levando a cabo ações de resistência contra os alemães, participando mesmo na libertação do país. Reconstituir a história de vida de cada uma destas pessoas e dar-lhes um rosto foi o objetivo central da investigação. Para compreender o

percurso individual de cada português foi necessário proceder ao cruzamento de fontes oriundas de diferentes arquivos. Em França foram consultados os *Archives des Victimes des Conflits Contemporains*, em Caen, e o *Service Historique de la Defense*, em Vincennes. Em Portugal, a investigação passou pelo arquivo da PIDE/DGS no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, pelo Arquivo Histórico do Ministério dos Negócios Estrangeiros e pelo Arquivo Histórico da Cruz Vermelha portuguesa, bem pelos vários arquivos municipais e distritais.

Foi nosso objetivo compreender a identidade, a sua origem, idade, profissão, locais de trabalho, bem como percursos sociais, profissionais ou políticos típicos, as condições de vida, tipo de trabalho, a morte, a fuga, a libertação, ou o regresso. No fundo, procurámos identificar e, tanto quanto possível, contabilizar os portugueses, e estudar o percurso de cada um. Ao longo da pesquisa, foram vários os desafios encontrados: a dispersão da documentação, as lacunas, o facto de os portugueses serem confundidos com franceses e espanhóis ou mesmo os erros ortográficos.

Os primeiros resultados desta investigação foram apresentados na Exposição “Os Trabalhadores Forçados Portugueses no III Reich”, que esteve patente no Centro Cultural de Belém, e num congresso internacional, que teve lugar no *Goethe Institut*. Além disso, foi proposta ao Governo português a colocação de uma placa no “Muro das Lamentações” do campo de concentração de Mauthausen, onde estiveram internados e morreram cidadãos portugueses. A placa foi inaugurada pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros em maio de 2017. Tratou-se de um marco importantíssimo, já que, pela primeira vez, um governo português reconheceu e homenageou as suas vítimas.

Mais tarde, a exposição seria apresentada em Loulé, na Casa-Memória Duarte Pacheco. A investigação inicial foi alargada e levou a que uma nova seção fosse acrescentada ao núcleo inicial. Este núcleo incidiu sobre o percurso dos diversos louletanos na Segunda Guerra Mundial e nos campos de concentração, uma vez que ao longo da investigação inicial foram identificados vários portugueses oriundos do concelho de Loulé e de localidades limítrofes. Uma equipa do Museu Municipal de Loulé levou a cabo uma investigação no Arquivo Municipal e no Arquivo Distrital, que ajudou a compreender os fluxos migratórios da população do concelho para a Europa, ao longo das primeiras décadas do século XX, em especial para França. A partir da invasão da França em 1940 e da ocupação alemã, os emigrantes louletanos foram confrontados com diversas formas de trabalho forçado. Deportados para os Campos de Concentração ou para as prisões do *Reich*, encarcerados em *Stalags*, foram também obrigados a participar no esforço de guerra alemão como trabalhadores forçados.

Partindo desta investigação e da documentação local ao dispor, foi desenvolvido junto de duas turmas de 11º ano da Escola Secundária de Loulé um projeto educativo, no âmbito da Autonomia e Flexibilidade Curricular. Pretendeu-se com este trabalho promover o desenvolvimento de competências e conhecimentos sobre a Segunda Guerra Mundial, o Nacional-Socialismo e o Trabalho Forçado, cruzando diversas áreas disciplinares. O trabalho em desenvolvimento incluiu uma visita inicial à exposição “Os Trabalhadores Forçados Portugueses no III Reich” e uma sessão na Escola Secundária de Loulé, com a participação do Presidente da Câmara Municipal, Dr. Vítor Aleixo, da Diretora Municipal de Cultura, Dr.ª Dália Paulo, da Diretora da Escola, Dr.ª Renata Afonso, da docente de História, Dr.ª Isabel Duarte, da equipa de investigação e do investigador alemão Thomas Kersting. Para além dos alunos envolvidos no projeto, participaram outras turmas. Numa terceira sessão, assistiram à reportagem “Deportados para o Outro Mundo”, das jornalistas Ana Luísa Rodrigues e Carla Quirino (<http://ensina.rtp.pt/artigo/deportados-para-outro-mundo/>), seguindo-se um debate e o preenchimento de uma ficha de leitura. No mês de janeiro, alguns dos alunos visitaram o Arquivo Distrital de Faro, onde foram recebidos pela sua diretora, tendo sido acompanhados pelo Dr. João Sabóia e pela Dr.ª Luísa Martins. Tiveram a oportunidade de visitar as instalações e de verem o funcionamento de um arquivo. Além disso, puderam consultar documentação, nomeadamente alguns livros de registo de batismo e de registo de passaportes das décadas de 1920 e 1930, preenchendo uma ficha de leitura a partir dos dados recolhidos num documento à sua escolha.

Em janeiro, por ocasião do *Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto*, a Assembleia da República inaugurou a exposição “Desenhar contra o Esquecimento”, do artista Manfred Bockelmann, organizada pela Embaixada da Áustria em Lisboa, e em colaboração com a Assembleia da República Portuguesa e a Embaixada da Alemanha. Bockelmann, nascido na Áustria em 1943, oriundo de uma família alemã, começou em 2013 um trabalho de resgate da memória de crianças mortas durante o Holocausto, desenhando os seus retratos a carvão. Desenhou propositadamente para a exposição de Lisboa retrato de Joseph da Silva, um adolescente luso-francês, deportado de França devido ao seu envolvimento na Resistência, que viria a morrer num campo de concentração. Joseph da Silva foi um dos portugueses identificados pelo nosso projeto de investigação, que partilhou com o artista austríaco toda a documentação encontrada. A exposição foi visitada pelos alunos das duas turmas em fevereiro e constituiu um dos pontos altos do projeto. Convidados a refletirem sobre a visita, ficou claro o impacto que esta teve sobre os alunos, que demonstraram uma enorme capacidade de

empatia. A visita permitiu-lhes compreender que os horrores passados nos campos nazis afetaram em primeiro lugar os mais vulneráveis, ou seja, as crianças.

As sessões seguintes centraram-se na análise de fontes primárias relativas aos portugueses. Os alunos foram divididos em pequenos grupos e tiveram de analisar a entrevista de José Agostinho das Neves, deportado para o Campo de Concentração de Dachau, ao *Diário Popular*, bem como um conjunto de documentos relativos a Tomás Vieira, nascido em Paderne (Albufeira), que viria a morrer em Ebensee (Campo-Satélite de Mauthausen). Também leram trechos do livro *A Morte Lenta*, da autoria de Emile Henry (que viveu mais de 30 anos em Loulé tendo ali falecido em 2007) e analisaram as instruções que eram facultadas aos SS para marcarem os prisioneiros dos campos com triângulos de diferentes cores e letras. No final, tiveram de apresentar aos colegas os documentos analisados, seguindo-se um debate.

Estas sessões teórico-práticas permitiram um primeiro contacto com fontes e ferramentas de investigação histórica. Os conteúdos históricos foram o ponto de partida para a promoção de uma reflexão crítica sobre o presente, explorando e debatendo temas como os refugiados, as migrações forçadas, o racismo, a extrema direita.

Todo este trabalho teve como objetivo final a preparação dos alunos para visitarem o Campo de Concentração de Mauthausen, na Áustria, e participarem na Cerimónia de Comemoração da Libertação do Campo, que decorreu no dia 5 de maio. Os alunos integraram a delegação oficial portuguesa, participando na leitura do Juramento de Mauthausen. No total, foram 49 os alunos viajaram até à Áustria, acompanhados por quatro professores, pela Vereadora Marilyn Zacarias, pela Diretora de Cultura de Loulé, pela Chefe de Divisão de Educação e Juventude da Câmara de Loulé, e de uma equipa da RTP. Estiveram igualmente presentes o Embaixador de Portugal em Viena e alguns investigadores do projeto. O frio intenso que se fez sentir não demoveu os alunos. Em declarações à jornalista do Expresso Christiana Martins, David Costa (18 anos) afirmou: “Foi um exercício de humildade; voltei diferente, aprendi muito, consegui sentir o peso do sítio. Foi muito diferente de ouvir em sala de aula que morreram seis milhões de judeus na Segunda Guerra Mundial”. Nas redes sociais foram muitos os alunos que partilharam a sua experiência, publicando imagens, relatando os seus sentimentos. Beatriz Reis (16 anos), por exemplo, escreveu na sua página de *facebook* (<https://www.facebook.com/beatriz.reis.587>) “74 aniversário da libertação do campo de concentração de Mauthausen. Uma viagem, muitas histórias e emoções. A liberdade, a democracia e a igualdade são bens preciosos e depende de cada um de nós dizer “Nunca mais”. Entretanto, os alunos estão a preparar um singelo produto digital em que narram o seu próprio percurso neste projeto e os efeitos que este teve na sua formação pessoal enquanto jovens estudantes e cidadãos, usando as fotos que foram registando

os momentos mais significativos e as ideias que consideram agora essenciais para divulgarem, em diferentes línguas, à comunidade escolar e a outros jovens, utilizando as diferentes plataformas digitais que usam no seu quotidiano. Este processo de disseminação está previsto para início do próximo mês de junho.

Em 2020 assinalar-se-á o 75º aniversário da libertação do Campo de Mauthausen, estando já a ser preparada a representação portuguesa na cerimónia.

António Carvalho, Diretor do Museu Nacional de Arqueologia

Ansgar Schaefer, Instituto de História Contemporânea-NOVA-FCSH e Goethe Institut-Lissabon

Cláudia Ninhos, Instituto de História Contemporânea-NOVA-FCSH

Cristina Clímaco, Université Paris 8

Fernando Rosas, Instituto de História Contemporânea-NOVA-FCSH (coord.do projecto)

Isabel Duarte, Professora de História na Escola Secundária de Loulé